

OS ÍNDIOS CHARRUA E MINUANO NA ANTIGA BANDA ORIENTAL DO URUGUAI

Ítala Irene Basile Becker

Professor-pesquisador do Instituto Anchietano de Pesquisas - IAP ,
do CNPq e da UNISINOS

Neste resumo de trabalho que apresentamos sobre os "Índios Charrua e Minuano na antiga Banda Oriental do Uruguai", seguimos uma sistemática de pesquisa esquematizando-o em três itens:

- 1 - Histórico e objetivos do trabalho;
- 2 - Informe sobre os Índios que nos ocupam e
- 3 - Sua história frente ao Colonizador português e espanhol.

O texto original, com 314 páginas, ilustrado, é o resultado de uma pesquisa bibliográfica que nos ocupou durante seis anos ininterruptamente e que apresentamos com defesa para a obtenção do grau de Mestre em Cultura Brasileira na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUC, em 1983.

A divulgação do mesmo, até o presente, se limita a multiplicação de 20 exemplares da Dissertação; será publicado in Pesquisas, IAP-UNISINOS, em espanhol.

Iniciamos a pesquisa em 1976 e concluímos em 1982 , usando uma metodologia própria e um enfoque próprio de fricção interétnica. O trabalho tem uma abrangência temporal que vem do Século XVI para quando registramos as primeiras informações de viajantes e cronistas e alcança o Século XIX para quando registramos as últimas referências.

Do ponto de vista histórico o nosso trabalho não trás nada de novo; sabemos que existiu e existe hoje um grande número de estudiosos desses dois grupos indígenas. Alguns, os mais antigos, os viram e escreveram sobre eles de uma certa forma; outros, os mais modernos ou contemporâneos, também os abordam das mais diferentes maneiras, em estudos, alguns de grande significado. Muitos deles foram de grande valia para o nosso trabalho.

Temos consciência de que as histórias que nos antecederam são parciais no sentido de que os Charrua e os Minuano , frente ao Colonizador português e espanhol, nunca foram tratados como duas culturas diametralmente opostas, num enfrentamento mortal - A Conquista da Banda Oriental - Eles foram tratados, às vezes, como um entrave para a colonização vitoriosa, outras vezes ,

como a figura épica dos Pampas ou sob os mais diferentes aspectos' de sua cultura e das formas as mais variadas.

Surgiu daí o Objetivo central de nosso estudo que "é mostrar como o colonizador europeu, tanto o português como o espanhol, agiu sobre os Índios Charrua e Minuano, moradores tradicionais da antiga Banda Oriental do Uruguai e de pequena parte da Argentina, e como estes Índios reacionaram nos diferentes momentos da colonização".

Reconhecemos possíveis falhas em nosso estudo mas estamos certos de termos alcançado o objetivo ao qual nos propusemos a par de outros objetivos secundários. Conseguimos isso usando um enfoque pertinente de fricção interétnica nos moldes de Roberto Cardoso de Oliveira e Darci Ribeiro. Isso exigiu de nós um grande esforço para a reinterpretação de muitos dados em razão da própria condição dos mesmos dados.

Procuramos mostrar como as três diferentes formas de atuação da Sociedade colonizadora agiram sobre os Charrua e os Minuano modificando-os parcial e gradativamente em sua cultura, levando-os, num determinado momento, a uma relativa estabilidade econômica para, ao depois, levá-los ao extermínio total como grupo.

Resumimos essas três formas de atuação colonizadora pela Introdução do Gado, pela Catequese e pelo Estabelecimento dos centros povoados, aspectos que estão pormenorizados na unidade I, A Colonização e o Índio.

Os Charrua e Minuano são dois grupos de Índios caçadores, pescadores e coletores que partilhavam a antiga Banda Oriental do Uruguai com dois grupos de horticultores conhecidos como Chanã e Guaraní. (Mapa I)

Viviam os Charrua e Minuano nos campos entremeados' de mato, de preferência nas áreas bem servidas de água, como margens de arroios, rios, banhados e lagoas, onde os recursos tanto animais como vegetais costumam ser abundantes. Os terrenos que se prestavam para o cultivo por técnicas indígenas eram ocupados pelos Chanã e Guaraní.

Os dois grupos, Charrua e Minuano, são muitas vezes confundidos pelo colonizador e tratados como um só grupo. São, entretanto, duas populações com diferenças bem marcantes tanto do ponto de vista físico como do social e cultural. Seguem líderes independentes e ocupam espaços separados. Pertencem ao mesmo tronco'

linguístico, mas não está claro se falavam línguas ou dialetos diferentes.

Para o início da Colonização, não podemos avaliar quantos seriam; os dados são muito escassos e vagos. Quando o contato se intensifica, esses caçadores seriam ao redor de 2.000 indivíduos. Desses, uns 1.100 Charrua e uns 900 a 1.000 Minuano.

Os Charrua ocupavam ambas as margens do Rio Uruguai enquanto que os Minuano ocupavam o litoral atlântico desde a lagoa Mirim até as proximidades de Montevideo.

Com o avanço da ocupação branca em seus territórios, se deram vários deslocamentos mas as suas posições originais ficaram bem reconhecíveis. (Mapa 2)

A história dos caçadores charrua e minuano é bem diferente da história dos horticultores. Estes, representados pelos Chanã e Guaraní, foram rapidamente aldeados ou entregues aos colonos brancos sob as formas usuais da colonização espanhola, como a encomienda, a mita ou a simples escravidão.

Os Charrua e Minuano que baseavam a sua economia na caça, na pesca, na coleta e que viviam em acampamentos pequenos e instáveis, controlados pelo "conselho de aldeia" nunca se deixaram submeter a essas formas de economia colonial. Talvez o fato de serem caçadores e ocuparem áreas impróprias para o cultivo dos horticultores e muito mais para o do colonizador, teria sido uma das razões fundamentais para o fracasso dos espanhóis e portugueses sobre os mesmos, no sentido de engajá-los em sua economia.

Assim, os Charrua e Minuano continuaram caçadores enquanto o colonizador não conseguiu, por si, ocupar e incorporar o território do índio. Aos poucos, nos séculos XVII e XVIII, o colonizador vai se fixando de forma lenta cada vez mais para o interior do território indígena. Primeiro se fixa no lado espanhol, ao longo do rio Uruguai, em área dos Charrua; depois, no lado português, ao longo do litoral atlântico, em área dos Minuano.

Consegue isso com o que já referimos como as três modalidades mais ativas de penetração: a introdução do gado, primeiro nas Vacarias e depois nas estâncias; a catequese, que tenta juntar os índios em aldeias mas que não consegue fazer isso com os Charrua e Minuano como o fizeram com os Guaraní e outros grupos e o estabelecimento dos centros povoados que em última instância é decorrente das anteriores.

Durante esse tempo, séculos XVII e XVIII, os Charrua e Minuano são solicitados cada vez mais tanto pelos espanhóis como pelos portugueses para as mais diferentes formas de trabalho; dentre elas podemos destacar as lides com o gado. Ainda assim os Índios mantêm uma relativa estabilidade e independência que são asseguradas e negociadas por seus líderes - os "Caciques" - que cada vez mais ganham representatividade.

Com o avanço da colonização efetiva se foram somando à cultura Charrua e Minuano os produtos dessa colonização, representados de início pelo cavalo e depois pelos bovinos. Esses novos recursos deram aos Índios novas possibilidades. Entretanto, eles continuaram a caçar, mas agora a sua caça favorita era o gado e tinham também possibilidades de se tornarem pequenos criadores de eqüinos e bovinos, tanto para o seu sustento como para a troca de bens coloniais com o branco, quer fossem de mera satisfação pessoal ou mesmo matéria-prima.

Dessa maneira os Índios foram incorporados frouxa e periféricamente à economia colonial, não de forma intencional mas porque as outras tentativas não deram resultado. Com isso a dependência que têm frente ao colonizador se torna cada vez maior e cria sérios conflitos com os brancos.

Esses conflitos, especialmente resultantes do roubo de gado nas estâncias dos espanhóis para vender aos portugueses e vice-versa, contribuíram para o desgaste dos grupos indígenas que entretanto mantêm uma população estável, nos trezentos anos de luta.

Em fins do século XVIII e primeiros do século XIX, os espanhóis e portugueses ocuparam em definitivo o território indígena, com uma exploração econômica intensiva e extensiva, especialmente através da pecuária.

Aqui se impõe a grande pergunta: "O que sobrava para os Charrua e Minuano, antes donos absolutos das terras, agora sem território e sem possibilidades de caça?"

A resposta vem com uma única alternativa: "Empregasse com o branco de quem ele fez total dependência econômica". A forma de emprego era engajar-se nos conflitos de fronteiras e nas lutas de Independência, ou ainda, com algumas possibilidades, como o peão de estância, o que não agradava aos caciques.

Essa alternativa entretanto é passageira porque, fixada a independência política e não sendo mais necessário o tra-

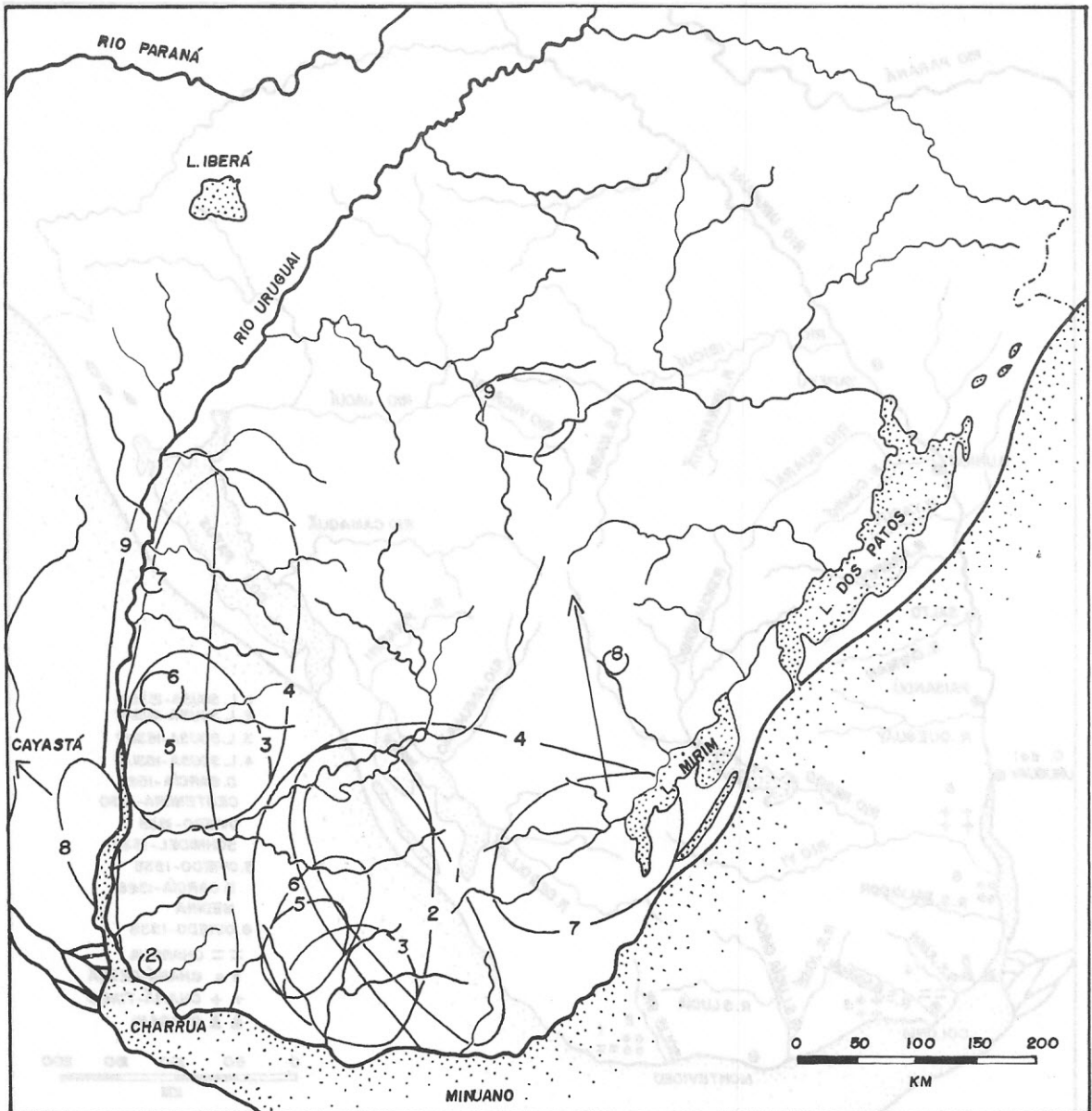
balho do Índio, os Charrua e Minuano passam a ser perseguidos insistentemente pelas mesmas forças governamentais para as quais trabalharam, lutaram e sacrificaram grande número de vidas. Essa perseguição finaliza com dois combates de extermínio, em 1831/32. Os ataques eram feitos à traição para que não fossem sacrificados soldados brancos. Nesses dois combates os Charrua e Minuano foram destroçados em campo; os homens, maiores de 12 anos, que foram presos, também foram sacrificados e alguns levados para Montevideo e postos também à disposição de companhias nacionais de navegação. As mulheres, crianças e velhos, todos prisioneiros, foram levados para a Capital onde foram distribuídos em público entre moradores da cidade de acordo com determinados requisitos.

De todo esse contingente Índio, de aproximadamente 2.000 indivíduos, a História registra um saldo de apenas 30 pessoas escapadas dos últimos combates, mas totalmente incapacitadas de reproduzir seu modo de vida indígena e cuja triste história ainda não foi contada e umas 450 pessoas foram distribuídas nas cidades, cujo sangue deve circular em muita família uruguaia. Sabemos que possíveis descendentes seus vivem em nossa Campanha, como é o caso, p. ex. de Santana e Avelino, filhos do velho Cacique Polidoro, cujos netos vivem em Tacuarembó, na vizinha República do Uruguay.

Isto, em grandes linhas, é o resumo do trabalho que desenvolvemos em 10 unidades interdependentes. Algumas são bastante grandes em oposição a outras, em razão da maior ou menor quantidade de informações e ou da qualidade das mesmas. Como é óbvio, compõem também, nosso estudo uma Introdução e uma Conclusão onde colocamos o maior peso do objetivo central. Finalizamos a Conclusão com algumas considerações que podem servir como pressupostos para novos trabalhos.

BIBLIOGRAFIA

- ACOSTA Y LARA, Eduardo F.
 1956 Los Chanã - Timbúes en la Banda Oriental. Apartado de Ana-
 les del Museo de Historia Natural. Montevideo, Uruguay.
 1961 La Guerra de los Charrúas en la Banda Oriental. Período
Hispánico. Impresores A. Monteverde y Cia. S.A. Montevi-
 deo, Uruguay.
 1969/
 70 La Guerra de los Charrúas en la Banda Oriental. Período
Patrio I-II. Impresores A. Monteverde y Cia. S.A. Montevi-
 deo, Uruguay.
 1981 Un Linaje Charrúa en Tacuarembó. A 150 años de Salsipuedes.
 Apartado de Revista de la Facultad de Humanidades y Cien-
 cias, Serie Ciencias Antropológicas, Montevideo, 1, (2).
- BARRIOS PINTOS, Aníbal
 1971 Historia de Los Pueblos Orientales. Ed. de La Banda Orien-
 tal. Montevideo, Uruguay.
- BASILE BECKER, Ítala Irene
 1978 Os Índios da antiga Banda Oriental do Uruguai. Charrua e
 Minuano: Histórico, abastecimento e assentamentos. Sua re-
 lação as frentes de expansão. Estudos Leopoldenses, Ano
 XIII, 14 (47): 131-171.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto
 1960 O Índio e o Mundo dos Brancos. Difusão Européia do Livro.
 São Paulo, SP.
- CASTELLANOS, Alfredo R.
 1973 Breve História de La Ganadería en el Uruguay. Ed. Banco '
 de Crédito. Montevideo, Uruguay.
- PORTO, Aurélio
 1954 História das Missões Orientais do Uruguai. Primeira Parte.
 Edição da Livraria Selbach, Porto Alegre, RS.
- RIBEIRO, Darcy
 1977 Os Índios e a Civilização. Editora Vozes Ltda. Petrópolis,
 RJ. 2a. Edição.



Mapa 2: Localização aproximada dos Charrua e Minuano nos séculos XVII e XVIII, de acordo com os autores.

Charrua: 1. Cattáneo e outros:1701/02 e 1729; 2. Céspedes:1628; 3. Lozano: 1749/50; Azara: 1943; 4.A.y Lara: 1749 a 1756; 5. Sepp: 1691; 6.A.y Lara: 1749/50; 7. Duffo: 1716; 8.A.y Lara (Salaverry): 1750; 9.Mastrilli Duran: 1621/27.

Minuano: 1. Inclan: 1721; 2.Pernetty:1764; 3.Azara:1730; 4.Ricco: 1743; 5.A.y Lara:1746/50; 6.A.y Lara: 1752/56; 7.Saldanha:1787; A.y Lara: 1750/53 e 56; 8.Saldanha: 1777 (mapa); 9.Saldanha: 1787 e 1803.